QUANDO EU MORRER, VOU DANÇAR TUDO A DEUS: A incorporação da poética do imaginário negro na *soma* da encenação

Palavras-Chave: AFRODIÁSPORA, IMAGINAÇÃO, ENCENAÇÃO

Autores/as:

VICTOR TIMOTIO DE LIMA [UNICAMP]

Profª. Drª. VERÔNICA FABRINI MACHADO DE ALMEIDA (orientadora) [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa, financiada pela FAPESP (nº 2021/05248-7), se propõe enquanto prosseguimento de questões levantadas na Iniciação Científica anterior do orientando – A trans-criação de Sizwe Bansi está morto: dança contemporânea e dramaturgias do movimento na perspectiva do encenador (FAPESP nº 2020/05287-0). Esta nova etapa, visa ampliar a investigação acerca do uso da dança contemporânea como ferramenta potencializadora na encenação de uma narrativa, dirigindo-se a uma abordagem somática enquanto potencializadora de um conhecimento incorporado, apreendendo uma epistemologia, uma sensibilidade e uma poética afrodiaspórica. Parte do princípio de que a referida poética compreende a forma artística como um entrelaçamento de saberes de modo que, ao invés de separar em conceitos delimitados de "dança", "teatro", "música", dentre outros, os interconecta, sendo o corpo do performer/atuador o lugar desta conexão.

Dessa forma, através da prática enquanto principal método de pesquisa, esta Iniciação Científica investiga o "como" a poética do imaginário negro é incorporada em processos de criação cênica. Para isso, em um primeiro momento houve uma escrita dramatúrgica de uma nova narrativa a qual foi conduzida a partir de experimentos guiados por obras da bibliografia e teve como base a peça "Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus" (2019), da dramaturga brasileira Maria Shu. Já durante o segundo semestre, a IC se debruça na encenação desta peça – intitulada "Quarto de Orí – me escondi para ver se me achava". Além disso, outra preocupação gerada por esta pesquisa foi a falta de representatividade negra docente no Instituto de Artes (local de sua realização), fato intrínseco à ausência dos imaginários e das epistemologias afrodiaspóricas na universidade. Esta indignação, por sua vez, mobilizou a escrita de uma carta à Congregação do IA – instância máxima de deliberações dentro do instituto – que gerou a criação do Grupo de Trabalho (GT) para Proposição de Políticas Afirmativas Étnico-Raciais para Concursos Docentes do Instituto de Artes.

OBJETIVO:

Investigar procedimentos que potencializam a incorporação da poética do imaginário afrodiaspórico em processos de criação a partir do corpo, tomando a prática enquanto pesquisa e, como campo de experiência, uma criação cênica a partir da dramaturgia "Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus", de Maria Shu.

METODOLOGIA:

Alinhado ao objetivo de buscar ferramentas que potencializem a "incorporação da poética do imaginário afrodiaspórico", a pesquisa contou com três eixos: a produção de uma nova dramaturgia afrorreferenciada; a encenação desta dramaturgia; e a produção de uma carta à Congregação do IA que discutiu a necessidade de cotas para concursos docentes e uma revisão bibliográfica e epistêmica em seus cursos. Por sua vez, esses três eixos dialogam com a perspectiva de uma Pesquisa Somático-Performativa (PSP), método elaborado por Ciane Fernandes e basilar desta Iniciação Científica. A PSP tem como ideia fundamental que a pesquisa "tenha como eixo ou guia a corporeidade, compreendida como um todo somático, autônomo e inter-relacional" (FERNANDES, 2012, p.3). Dessa forma, os elementos investigados na IC foram apreendidos no corpo enquanto *soma* – "corpo experienciado e regulado internamente" (FERNANDES, 2015, p.12) – de modo a ir ao encontro de uma prática contra-epistemicida, já que esse entendimento de soma "dilui a objetificação do corpo em prol da autonomia do ser vivo integrado em todas as suas instâncias, multiplicidades e idiossincrasias" (*ibid*., p.13).

Dessa maneira, experimentos cênicos foram realizados em um primeiro momento para a construção dramatúrgica que encruzilhava a história tecida por Shu (2019) – de um garoto africano que é obrigado a atravessar a fronteira entre seu país e a Europa dentro de uma mala, revelando as mazelas que atingem os corpos negros refugiados – e uma escrevivência - prática de escrita que nasce em um contexto negro, feminino e pobre "em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade" (EVARISTO, 2020, p. 38). Um dos referenciais que guiou um dos experimentos foi a tese de Juliana Barboza (2009). Neste trabalho, a narratividade, o fazer artístico de *griots* e a afetação da palavra com o corpo – temas que se encruzilham – foram alimento para pensar o *que*, o *como* e *o partir de onde* brotaria a criação do texto dramático. A partir do exercício proposto no subcapítulo "um lugar para a miniatura" (*ibid.*, p.79-81), foi realizado um jogo o qual fez emergir os elementos da dramaturgia criada nesta pesquisa.

JOGO 2 – O que minha infância acha naquele lugar?: Esse jogo consiste em, em uma folha em branco, desenhar um lugar que remeta a sua infância *(se pergunte: por onde meus pés já pisaram?).* Após isso, nomear este espaço, escrever palavras ou frases que remetam a esse lugar *(se pergunte: olhando para o espaço desenhado, quais palavras ele ecoa?).* Depois de concluído essas etapas, escrever um texto a partir dessas palavras e do desenho *(se pergunte: o que há nessa encruzilhada? – "para investigar a ideia de ser humano, precisamos antes de mais nada prestar atenção no* ***entre*** *(aidagara) no qual as pessoas se localizam" (ibid., p.26, grifo nosso)).*

A partir desse experimento, surgiu o espaço de uma das histórias da dramaturgia criada: a Casa da Imaginação. A cena escrita na encruzilhada do "Jogo 2" teve esse lugar como cenário. Desde então me fiz as perguntas: o que mais há nessa casa? Quem mora nela? E Abou? A partir desses questionamentos e outros jogos/experimentos a dramaturgia, então, foi construída. Com isso, o próximo eixo – a encenação (em andamento até a escrita deste resumo) – começou a ser praticado. Através do grupo de estudos formado na IC anterior e, nesta

pesquisa, com novos membros (todos estudantes de Artes Cênicas da Unicamp), pensa-se e pratica-se a passagem da escrita textual à escrita cênica. A linguagem cênica, por sua vez, é construída a partir das noções de oralitura, elaboradas por Leda Maria Martins – "gestos, (...) inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo" (2003, p.77) – e uma concepção de imaginação que se alia a preceitos de Chekhov (2003) e Bachelard (1988), uma vez que também entendem a potência do teatro enquanto sendo a comunicação através do imaginário e o corpo – ou, por analogia, a soma – do ator enquanto transmissor de toda sua vida interior (GARRE, 2003).

Por fim, como forma de viabilizar a entrada dessas outras epistemologias no campo institucional acadêmico, foi escrita uma carta à Congregação do Instituto de Artes da Unicamp que discorreu sobre a necessidade da revisão bibliográfica e epistêmica nos cinco cursos da unidade: artes cênicas, artes visuais, comunicação social – midialogia, dança e música. Esta pauta, por sua vez, vai ao encontro de uma outra carta, escrita em 2020 à Comissão de Graduação do curso de Artes Cênicas da Unicamp, a qual discutiu a necessidade de uma matéria que tratasse sobre os teatros negros e que resultou na criação da matéria de Teatro Negro (AC220) como obrigatória no currículo do curso a partir da turma ingressada em 2022. Além disso, a carta à Congregação também relatava a urgência da adoção de cotas étnico-raciais em concursos para docentes. Em seu documento constou dados de uma pesquisa de opinião de estudantes do IA, além de relatos de professoras comentando sobre ambas as questões (bibliografia e cotas em concursos). Abaixo, um trecho da carta escrita e lida pelo orientando na 275ª sessão ordinária da Congregação do IA/UNICAMP.

"A universidade e, em especial, um Instituto de Artes que se localiza em uma das melhores universidades da América Latina, possui um papel fundamental no que diz respeito a manutenção da branquitude e dessa sua ideologia de reificação. Se, em 2022, ainda temos ataques racistas no nosso território, um dos motivos certamente é o de que a epistemologia e corpos negros e indígenas não se encontram nesse espaço que é, institucionalmente, o maior polo de produção de conhecimento e imaginário. Desse modo, ao reivindicar a presença dessas pessoas e de seus saberes nesse espaço de poder, reivindicamos principalmente esse direito de viver, esse direito de ir a um espaço de convivência sem medo de ter sua existência ameaçada, o direito de que nossos corpos sejam reconhecidos enquanto sujeitos. Para isso, é importante salientar a necessidade e urgência de haver um rompimento dos privilégios que a branquitude instaurou, romper com o "pacto narcísico" dos brancos que auxilia a manutenção do racismo, pacto o qual afirma Cida Bento age como um componente de autopreservação que trata o "diferente" como ameaça ao "universal". É necessário que as pessoas brancas desse Instituto se racializem e discutam seu status e sua herança ancestral que se construiu através de atos genocidas e de violação. Que se discuta o porquê de haver um número irrisório de pessoas negras em cargos de docência no IA – o que provoca, consequentemente, o claro problema de haver, nesta Congregação, um conselho massivamente branco – em um país em que mais de 50% da população é negra"

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Como principal resultado da carta supracitada, houve a criação de um Grupo de Trabalho para estudar a implantação de políticas afirmativas (com recorte racial) nos concursos para docentes do Instituto de Artes. A criação deste GT ocorreu através da Portaria Interna nº 08/2022, que designou os atuais chefes de departamento, e duas representações de servidores e duas de discentes do IA, para comporem seu corpo. Sua duração se dará de

agosto a novembro de 2022, pressupondo, desta forma, que até o final deste ano haja propostas concretas que viabilizem a entrada de docentes negros e/ou indígenas por meio dos futuros concursos a serem realizados no instituto. Além disso, em relação ao eixo artístico da pesquisa, houve uma abertura de processo da encenação de "Quarto de Orí – me escondi para ver se me achava" na Mostra Cênica de Inverno de 2022 da Unicamp que contou, também, com uma roda de conversa posterior à apresentação da peça. Por fim, interligando o campo artístico e acadêmico e valorizando a oralidade enquanto transmissora de conhecimento, o orientando participou dos seguintes eventos enquanto:

- Participante com Comunicação Oral no "10º Seminário de Pesquisas em Andamento" (SPA 2021) do PPGAC/CAC/ECA/USP, realizado de 06 a 10 de setembro de 2021;
- Organizador e moderador no "Fórum Permanente: Améfrica Ladina: Diálogos entre artes, política, saúde e educação antirracistas" (Unicamp), realizado nos dias 09 e 10 de setembro de 2021;
- Participante com apresentação de trabalho no "XXIX Congresso de Iniciação Científica da Unicamp", no período de 09 a 12 de novembro de 2021;
- Palestrante no "Sarau de abertura Unicamp Afro 2021 – preparando o território das atividades", realizado no dia 09/11/2021.

Além disso, obteve enquanto escritura a publicação do artigo "Olhando um teatro negro por buraquinhos" na Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal. Logo, percebe-se na pesquisa uma busca por encruzilhar o campo acadêmico com os saberes afrodiaspóricos e fazer com que o primeiro se potencialize e reconheça o segundo enquanto um imaginário válido e íntegro.

Figura 1 - registro de Ivan Lucca (na foto: Rachel Marques, Lucas Nathan, Isa Nogueira e Thaís Santos)

CONCLUSÕES:

De maneira a continuar um diálogo entre forma acadêmica e escrita artística, a conclusão deste resumo necessita evocar Mukú, personagem criada em "Quarto de Orí". Dessa forma, também se busca a "insubordinação" da cultura negra com o formalismo técnico de um resumo científico, aliada com a fricção causada entre o enquadramento ABNT e o fazer artístico dançante – presente na IC – por meio de uma fresta/rasura performática através da principal trilha que guiou o primeiro semestre da pesquisa: a criação de uma dramaturgia textual.

Figura 2 - registro de Ivan Lucca (na foto: Filipe Batista e Lígia Andrade)

(Mukú entra em cena e me vê. Damos um abraço e falamos juntes o texto semi-final – afinal, ainda estamos trilhando esta pesquisa)

MUKÚ E EU: Andamos, desenhamos, escrevemos, dançamos, por certo tempo de forma solitária adentrando as profundezas da nossa individualidade. Em um certo momento, a trilha pediu um coletivo! A partir desse ponto, um grupo de estudos está andando conosco para a encenação da dramaturgia escrita na primeira metade da caminhada. Outros guias estão sendo encontrados, alguns ainda permanecerão conosco. Pretendemos explorar ainda mais a relação da palavra e do corpo com a ajuda de Barboza (2009), incoporar a imaginação que foi conversada com Bachelard através de devaneios junto de Chekhov (2010) e descobrir novas ferramentas/jogos que tenham como guias o imaginário afrodiaspórico e suas fazedoras. Estivemos conversando (em gerúndio mesmo, pois não queremos que acabe) bastante com Gal Martins e a Dança da Indignação (MARTINS; MOURA; REIS, 2017) construída em conjunto com a Cia Sansacroma. Está aí a mostra das belezas que o coletivo pode fazer! A mostra, também, das ferramentas de sobrevivência que nossos corpos pretos precisam inventar para sobreviver! Pensamos que sua dança poderá ser alimento para nossos próximos passos. Continuaremos a trilhar e a descobrir materiais-seres que se juntem e caminhem conosco, nos escoltando em segurança para driblar a necropolítica e suas narrativas. Luto, luto, luto como verbo para nos manter viva e vivo e desobedecendo a morte imposta mais um dia.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARBOZA, Juliana Jardim. **Vestígios do dizer de uma escuta (repouso e deriva na palavra)**. 2009. Tese (Doutorado em Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-25102010-161621/publico/979916.pdf> Acesso em: 10 abr. 2021.

CHEKHOV, Michael. **Para o ator**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERNANDES, Ciane. Movimento e Memória: Manifesto da Pesquisa Somático-Performativa. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABRACE. **Anais**…, X, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

FERNANDES, Ciane. Quando o Todo é mais que a Soma das Partes: somática como campo epistemológico contemporâneo. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, RS, v. 5, n. 1, p. 9-38, set. 2014. ISSN 2237-2660. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/47585>. Acesso em: 25 mar. 2021.

GARRE, Sol. Sobre el sistema de actuación de Mijail Chejov**. Acotaciones: revista de investigación teatral**, Logroño, ISSN 1130-7269, nº. 11, p. 45-58, 2003. Disponível em <http://www.resad.es/acotaciones/acotaciones11/11garre.pdf> Acesso em: 10 abr. 2021.

MARTINS, Gal; MOURA, Djalma; REIS, Rodrigo. **A dança da Indignação**. São Paulo: Papel Brasil, 2017.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In:* DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

LIMA, Victor Timotio de. Olhando um teatro negro por Buraquinhos. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 38-45, maio 2022. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1039>. Acesso em: 28 jul. 2022.